

fausto



fausto

J. W. GOETHE

Versão livre da Cia São Jorge de Variedades roteirizada por

**Alexandre Krug, Claudia Schapira
e Georgette Fadel**

a partir do original em alemão de J.W. Goethe das traduções
de Christine Roehrig, Jenny Klabin Segall e João Barrento

CIA SÃO JORGE DE VARIEDADES

Título :: **Fausto.**

Versão livre da Cia São Jorge de Variedades

Autor :: **J. W. Goethe (1749-1832)**

Adaptação e roteirização :: **Alexandre Krug,
Claudia Schapira e Georgette Fadel**

Capa, projeto gráfico e diagramação ::
Sato do Brasil

Coordenação editorial, preparação e revisão do
texto :: **Alexandre Krug**

Edição :: **Cia São Jorge de Variedades**

NOTA EDITORIAL

Esta edição apresenta o roteiro teatral da Cia. São Jorge de Variedades para sua versão do clássico de J. W. Goethe (1749-1832), estreada em 2014 e encenada até 2016. Baseado livremente em traduções do Fausto I (Jenny Klabin Segall e João Barrento) e do Fausto 0 (Christine Roehrig), além do estudo do próprio original em alemão do século XVII, o roteiro inicial foi composto durante o processo de montagem pelas diretoras Georgette Fadel e Claudia Schapira, juntamente com o ator-tradutor Alexandre Krug. Na busca pelo mais essencial da tragédia original, a fim de re-presentificar o FAUSTO, considerado um mito fundamental da modernidade, o roteiro inicial realizou o recorte ou a reescritura das passagens consideradas imprescindíveis, além de incluir novos trechos autorais.

No decorrer do processo de montagem, e mesmo após a estreia, novas adaptações foram se realizando sobre o roteiro inicial, com a participação de todos os criadores, incluindo atores e músicos. A fim de melhor se aproximar da versão final e autoral do grupo para o clássico, esta edição procura dar conta de todas essas contribuições, sem no entanto pretender detalhar minuciosamente a cena real do espetáculo, que apresentava um complexo jogo de atuação em coro e uma 'dramaturgia' de imagens em vídeo e ambientes sonoros, além de transições elaboradas de cena, com mudanças de cenário e iluminação.

O texto aqui apresentado, portanto, se concentra nas falas e nas rubricas essenciais para a compreensão da ação dramática, muitas delas propostas e criadas pelo elenco ao longo das apresentações. Ainda, acrescentaram-se títulos para todas as canções, destacando-se o caráter musical do espetáculo e de sua dramaturgia. Para uma apreciação completa da montagem e sua cena concreta, recomenda-se assistir o registro em vídeo do espetáculo.

1º ATO

I :: PRÓLOGO NO TEATRO

DIRETOR

Ah, como eu queria conquistar, arrebatando as multidões... (Indica a plateia.)
Esta multidão! Mas como? Como criar, dia após dia, algo sempre surpreendente, atraente para entretê-los e também me entreter? Algo que os alegre e me alimente, que os divirta e, vá lá, algum sentido nobre também sustente? Sim, porque precisamos ser amados, adorados! É o amor das massas, que nos faz viver!

POETA

A multidão quer tudo rápido, e que seja fácil!
Isso desestimula o artista. Prefiro entregar a minha alma à espiritual mansão.
Onde a poesia, livre, esbarra a imensidão.
Nasce o que brilha apenas para o já; para o futuro, o que é verdadeiro viverá.

O BUFO

Mas se o futuro for o desejo, quem vai distrair hoje das cotidianas porradas da vida?
Melhor então melhorar o agora, cantando e encantando as multidões já!

O DIRETOR

Sim, isso mesmo! E ação é o que eles querem! Muito movimento, que alimente a imaginação e a vontade. Vamos dar o que eles querem, dar em quantidade! Porém, em pequenas doses, onde possam reconhecer e vislumbrar o que são, assim o seu olhar faminto se satisfaz e posso garantir que eles irão embora alegres, satisfeitos, prontos para mais uma jornada fugaz.

O POETA

Que inútil ofício o de satisfazer tolas fomes... como fica a magoada morada do genuíno gênio que ao artista consome?

O DIRETOR

Não poeta, não... Não me incomodam e nem ofendem as tuas palavras! Quem procura o sucesso, tem que escolher as armas. É afinal, para quem escreves? Aí do teu alto a quem acenas? É a plateia cheia que te seduz? Então olha bem de perto os tais mecenas! São meio frios, meio crus... Será que vale mesmo a pena, por eles, atormentar as meigas Musas?

O POETA

Não posso te servir, procura outro. Que não vou eu, como poeta, desperdiçar o meu maior direito, o divino alento, em teu fútil proveito!

O BUFO

Vamos meu bom amigo, vamos... Desfruta de teus belos dons sem ócio, para movimentar aí o poético negócio, como uma aventura de amor nos move o tempo! Cria um tanto de imagens, sem te preocupares muito com a clareza! Coloca em cena algumas ilusões e uma pitada de verdade, e afinal cada um deles verá no espelho da cena apenas suas próprias e inconfessáveis histórias!

O DIRETOR

Palavras! Palavras, palavras, são fogos fátuos!
Prefiro fatos feitos: vamos logo a essa obra?

O POETA E O BUFO

Vamos!

II :: PRÓLOGO NO CÉU

MEFISTÓFELES

Senhor Deus, Altíssimo, Onipotente, Criador do Universo, como sempre me procuras e me ouves e nas minhas impressões vêes vantagem, vos digo que por aqui o tormento humano é a notícia que corre, já que a razão, aquela luz que presenteaste ao homem, o consome e o torna pior que o animal feroz, ao qual ele se sente superior e nobre. Mas, se me permite a Vossa Graça, o homem é como uma tola mosca que ao redor da lâmparina esvoaça, perde o seu tempo, queimando então suas asas no fogo do braseiro.

O ALTÍSSIMO

Ah, sempre as mesmas queixosas observações... Nunca, Diabo, nada na Terra de que valorizes as intenções?

MEFISTÓFELES

Não, Mestre! Digo de coração: é tudo péssimo, como sempre... Embriagados que os homens estão de seu transe, por eles eu me lamento, ao ponto que até já sem gosto os atormento.

O ALTÍSSIMO

E do Fausto, sabes?

MEFISTÓFELES

Ah, o doutor...

O ALTÍSSIMO

Sim, meu fiel!

MEFISTÓFELES

De fato ele vos serve, Mestre, porém de um modo ambíguo. Ele quer tudo; do Céu e da Terra, completo gozo! Mas nem o pouco, tampouco o infinito, lhe contentam o tumultuoso peito.

O ALTÍSSIMO

Em breve o chamarei à clareza da minha presença, já que a dúvida começa a lhe corroer a razão; vislumbro nas folhagens de sua alma os frutos de que é capaz.

MEFISTÓFELES

Pois se apostais comigo, Senhor, digo que perdereis esse camarada, que tenho a intenção de o induzir pela minha estrada.

O ALTÍSSIMO

Enquanto lá embaixo ele respira, faz o que te parecer, Mefistófeles. Erra o homem enquanto a algo aspira. Mas vem depois envergonhado admitir que o homem de bem, ainda que a ilusão o consuma um momento, encontra sempre o alento da correta trilha.

MEFISTÓFELES

Ele vai comer do meu pão, Senhor, até lhe sobrar não mais que o pó para morder, como aquela minha parente, a serpente.

O ALTÍSSIMO

Te dou plenos poderes. Não te odeio, nem a tua falange, já que me prestam o serviço de atizar os vícios e testar os compromissos. Adeus, Mefistófeles.

MEFISTÓFELES:

Adeus! (Após um momento.) É... Deus me livre de romper com Deus! É um verdadeiro prazer vê-lo uma e toda vez! Admiro a sua louvável estratégia de mostrar-se humano até na presença do demônio.

III :: NOITE

FAUSTO

(Debruçado sobre papéis e livros, escreve obsessivamente. Enquanto trabalha, come, bebe e fuma.)

Está escrito: “no princípio era o verbo”. Como posso conferir ao verbo tal poder? Não: preciso de outro significado. Escrito está: “no princípio era o sentido”. Mas é o sentido que tudo cria e opera?... Não, eu deveria contrapor: “no princípio era a energia”!

Mas ainda não é isso que me traz a paz! No princípio... no princípio... “NO PRINCÍPIO ERA A AÇÃO!” Isso sim me satisfaz!!!

(A luz do luar entra no quarto. Fausto canta.)

CANTO DA LUA CHEIA

Oh, lua cheia, se contemplasses pela última vez meu sofrimento...

Ah! Se eu pudesse vaguear sobre montanhas

Iluminado na tua doce luz

E flutuar como encantado pelas grutas

Tecendo a manhã

Na relva dos prados

E livre do martírio do saber

Banhar-me saudável no teu orvalho

Tudo... tudo... estudei tudo! Filosofia, medicina, jurisprudência! Insisti na teologia, das ciências todas me servi e aqui estou: como antes, um sábio simplório sou!

Não tenho escrúpulos, não temo o inferno nem seu regente Satanás, mas mata-me o prazer no peito: saber que nada se pode criar que possa ao homem ajudar ou engrandecer. Inútil foi minha existência em busca de tolas benfeitorias, nada acumulei, nem ouro ou bens, nenhuma glória terrena ou esplendor.

Nem um cão assim viveria! (Ergue-se num impulso, atira ao chão objetos à sua volta.) Por isso eu me entrego à magia! (Faz gestos e passes, procura obstinadamente por uma passagem, folheando seu livro.)

Que efeito diferente este signo em mim provoca! Tu, gênio da terra, tão próximo, e até parecido comigo. Redobras minhas forças! Sinto coragem para enfrentar a tempestade e não temer os rangidos do naufrágio! Circunda minha cabeça vindo das alturas um calafrio... e me toca!... Eu imploro! Aparece, Gênio da Terra!! Aparece!!!

(O Gênio se manifesta, Fausto se prostra ao chão.)

GÊNIO DA TERRA

(Voz em canto falado.) *Querias me ver, ouvir minha voz, olhar meu semblante?*

Cedo ao teu desejo e aqui estou.

Que miserável temor te toma?

Onde está a vontade da alma que me chamou?

E ousou elevar-se para igualar-se a nós, espíritos?

FAUSTO

(Erguendo-se.) Sou eu, sou Fausto.

GÊNIO DA TERRA

Onde estás, Fausto, cuja voz ecoou em mim?
E agora tremes como um verme retorcido pelo medo.

FAUSTO

Medo de ti, vulto flamejante? Qual! Sou Fausto, muito próximo de ti me sinto!

GÊNIO DA TERRA

Subo e desço flutuando
Venho e vou tramando.
Mar eterno, vida em mutação.
Sou eu que movo o milenar tear do tempo.

FAUSTO

Tu que pairas ao redor desse mundo imenso. Saiba que sou Fausto, teu igual! Teu igual!

GÊNIO DA TERRA

(Sentencia, em voz falada.) És igual ao espírito que és capaz de compreender, não a mim!

FAUSTO

*Eu, imagem e semelhança do divino, não me igualo sequer a ti?
A quem me igualo?... A quem???...
Ah! Foi tão... tão gigantesca a aparição!... Ah, Gênio da Terra... E eu, retrato de Deus...
Eu, que pensei estar perto do espelho da imutável verdade!
Eu percebo agora que agi ainda pior que Lúcifer, o querubim desafiador dos divinos
desígnios.
Agora padeço, arrependido pela minha desmedida!
Depois de sagaz te invocar, fui incapaz de te reter!
Tão grande me senti e tão pequeno.
Teu golpe me devolveu ao humano e indeciso fado.
Aos deuses não me igualo! Quão profundo o sinto!
Posso aqui na Terra encontrar aqui o que me falta? Posso?...*
(Canta acompanhado pelo Coro.)

CANÇÃO DO IGNORANTE

*Não tenho bens, muito menos dinheiro
Nem honras nem glórias
Nesse mundo inteiro
Nem mesmo um cão viveria assim
A alegria foi roubada de mim*

*Eis-me aqui, pobre, ignorante
Não mais sabido do que antes
Do que sei, falo mais não
E isso dilacera o meu coração*

*Vi que não é possível saber (ignorante!)
E isso dilacera o meu coração
Não tenho mais a ilusão de saber (ignorante!)
E isso dilacera o meu coração
Não falo mais do que eu não sei (ignorante!)
E isso dilacera o meu coração
Do que eu não sei falo mais não (ignorante!)
E isso dilacera o meu coração*

(Fausto agarra um frasco, decidido.)

Veneno!!! Que uma nova aurora me conduza a uma nova margem!...

(Toma o líquido. Nesse exato momento, ouvem-se os sinos da cidade e os cânticos da Páscoa, enquanto o dia já amanhece. Surpreso, Fausto cospe fora o veneno.)

CANTO PASCOAL

*Salve o Cristo renascido
Que rompeu seu fado
E se libertou
Salve, salve o Deus ungido
Salve*

*Salve o Cristo revivido
Que aceitou a cruz
E a alma entregou
Salve o Salvador Divino
Salve
Dos braços da morte reaparecido*

FAUSTO

Não me tocam... Ouço as canções, as mensagens, mas elas não me tocam! Falta-me a fé. E o milagre é da fé o filho preferido! Pois então que ressoem as doces recordações da infância! Brota meu pranto... e a terra me retém....

(Chamando.) Wagner! Vamos sair! É Páscoa!

IV :: DIANTE DAS PORTAS DA CIDADE

FAUSTO

(Sentado, Fausto observa num telão imagens da cidade e do povo. Após um tempo observando, canta.)

CANÇÃO OLHANDO A CIDADE

*Dos seus quartos abafados
Do suor da labuta
Dos diários sacrifícios
Da paciência e do ofício
Entre cruéis disputas
Das curvas sinuosas de vielas
Que levam a igrejas tristes
Surge frenética a multidão
Buscando a claridade na celebração.*

(Entra Wagner, assistente de Fausto.)

*Festejam de Deus a ressurreição
Que eles não tem
Mas que espelham
Buscando no sol
A luz que renova.
É o céu, que o povo vigora!*

(Falando.)

E ouço a voz das almas: aqui sou gente, aqui posso sê-lo.

WAGNER

Os gritos, as brincadeiras, a zoeira, sinceramente: odeio. Barulham, como se o inferno lhes queimasse os dias. E sabe como chamam a isso, Doutor? Recreio, canção, diversão...

(No telão, dois camponeses aparecem e saúdam Fausto.)

VELHO CAMPONÊS

Ô Doutor Fausto, a gente está muito feliz de saber que o senhor veio aqui acompanhar a nossa folia. Porque muitos aqui só estão vivos graças às artes do pai do Doutor Fausto!

OUTRO CAMPONÊS

É verdade!

VELHO CAMPONÊS

Não é? Lembra?

OUTRO CAMPONÊS

Claro!

VELHO CAMPONÊS

Arrancou aquelas febres ardentes e derrubou a peste no chão! E o Doutor Fausto ali, pequenininho, já nos socorrendo, sem que o mal lhe tocasse. Deus ajudou quem ajudava!

OUTRO CAMPONÊS

Doutor Fausto é um santo homem! Oxalá por muito tempo ele ainda nos ajude e nos cure!

VELHO CAMPONÊS

Que Deus ajude quem sempre ajudou!

OUTRO CAMPONÊS

E digo mais: honra e saúde a esse sábio ilustre!

TODOS

Honra e saúde ao Doutor Fausto!

(Os camponeses no telão aplaudem. A imagem de pronto corta para a um cão preto. O telão sai.)

WAGNER

Que belos sentimentos devem te correr no peito, hein, Mestre!
Feliz daquele que dos seus talentos pode usufruir honras e proveitos.

(Um vulto vestido de negro começa a rondar a cena.)

FAUSTO

Wagner!... Se eles pudessem ler as almas, minha e do meu pai, veriam a vergonha... Causamos muito mais males do que bênçãos, inebriados que estávamos mais pela busca do que por conseguir resultados.

Durante aquela peste, oferecíamos veneno como se fosse remédio e hoje eu assisto, envergonhado por dentro, sereno por fora, o povo aplaudindo a esse homicida aqui, fantasiado de bom curandeiro.

WAGNER

Por que a angústia, Mestre? Não é o lema da vida, um bem, praticar integralmente o dom que se herda?

FAUSTO

Feliz do iludido que do mar do engano emerge acreditando empunhar uma quimera! O que é preciso, ignoramos, Wagner. E o que sabemos, bem algum nos traz. Mas não deixemos que esta linda hora se adultere em amargura.

Eu quero me embriagar de sol, imortal farol! À frente a luz e atrás de mim as trevas. Ouço cantares de aves raras, denunciando a presença do divino sobre as nossas cabeças; Wagner, observa a águia, como vai no alto do céu, e os ásperos campos; admiro os pássaros sobrevoando terras férteis, lagos, voltando as suas terras de origem. Mas triste de mim!

Enquanto a minha alma voa, meu corpo atrelado à terra pesa seus passos!

WAGNER

De horas estranhas tenho sido presa, mas jamais de ânsias dessa natureza. As asas da águia, campos e lagos me cansam! O gozo espiritual que me apraz, Doutor, é o que o mergulhar de livro em livro, de folha em folha nos traz.

FAUSTO

Tens apenas consciência de um único anseio.

Fica aí! Não arrisques a conhecer o outro.

Trago dentro do peito duas almas que disputam

Trilhando em tudo caminhos opostos.

Uma se agarra à matéria e aos seus domínios

A outra para o impalpável mundo avança sua vontade.

Ah, se eu pudesse aterrar os dourados

E altos campos que minha alma alcança para vivê-los aqui.

Sim! Fosse meu um manto de magia,

Que novos mundos rapidamente me concedesse,

Pelas mais deslumbrantes vestes,

Por trajas reais forrados de dinheiro eu não o trocaria.

WAGNER

Cuidado com o que desejas, Mestre.

Mestre? O que vês na penumbra?

FAUSTO

Vês um cão negro ali pelos cantos?

WAGNER

Faz tempo...

FAUSTO

Observa-o bem! O que achas dele?

WAGNER

É um cão, mestre. À sua moda, parece procurar um amo!

FAUSTO

Não, nos ronda já há algum tempo. Nos segue de perto. Posso estar enganado, mas suas patas deixaram um rastro de fogo no capim, não?

WAGNER

Só vejo um cão negro.

FAUSTO

Não, cismo que risca e firma o ponto!
Tece mágicos laços, enredando nossos passos...

WAGNER

Olha bem, Mestre! Não é um fantasma, é só um cão que rosna, que hesita, que abana o rabo. Vícios caninos, nada mais.

FAUSTO

(Chegando-se ao cão.) És apenas um cão?...

WAGNER

É um bruto brincalhão e tosco. Vai sujar as tuas vestes com suas patas, como todo cão.

FAUSTO

Eu aqui, querendo ver espírito, onde só há adestramento...

WAGNER

Por que não ficas com ele? Há de ter alguma serventia.
Se cuidares bem dele, pode ter valia, pode ser um amigo...

IV :: QUARTO DE TRABALHO

FAUSTO (Já no seu quarto com o cão, Fausto tenta se relacionar com o cão, chamando por ele, e assiste de repente à sua transformação fantástica em uma figura humana.)

MEFISTO

Por que o barulho? Estou a teu serviço, erudito mestre! Aceita as minhas saudações!

FAUSTO

Como te chamas?

MEFISTO

E o que é o nome para quem nos seres só busca a essência?

Sou parte da energia que sempre o mal pretende, mas o bem sempre cria.

Sou o gênio que sempre nega.

E com razão, pois tudo o que um dia vem a ser é digno somente de perecer. Melhor seria, então, nada vir a ser nunca mais!

E assim, tudo que conheces como destruição, pecado, o mal, é meu elemento integral.

FAUSTO

Se és uma parte, porque te mostras inteiro aos meus olhos?

MEFISTO

Ah, pequeno mundo Homem, individual e independente, quando pensas que esta porção de carne que está aí é tudo, tornas a luz mero adereço de corpos, e é assim, com os corpos, que a soberba luz perecerá...

FAUSTO

Percebo o teu ofício, ilustre herói. Mas é à toa que ergues teu punho contra a eterna força criadora. Por que não procuras algum outro serviço, criatura filha do Caos?

MEFISTO

Vou pensar nisso e em outra ocasião podemos discutir.

Agora eu me retiro, é isso? (Vai saindo.)

FAUSTO

Espera!

Agora que te conheci podes frequentar minha casa. Fica ainda um pouco mais, assim com histórias me distraias, aos poucos...

MEFISTO

Posso ficar ainda um pouco mais para te agradar, mas só se puder te entreter com a minha arte.

FAUSTO

O que quiseres, mas que seja prazeroso, que seja bom!

(Volta o tema do “Canto da Lua Cheia”. Mefisto faz Fausto se deitar no chão e o cobre. No auge da música aconchegante, ela se interrompe com um baque brusco e Fausto se levanta num sobressalto.)

FAUSTO

Mais uma vez fui enganado. Escorreu assim a espiritual visão. Estou velho demais para apenas brincar, e jovem demais para não desejar... O que pode o mundo te dar, Fausto? Deves te privar, apenas te privar... em pânico ao amanhecer eu desperto, vendo a luz do dia barrando as criações do meu espírito... O Deus que me emociona a alma... nada pode fazer para fora dela! Sem fé, desejo morrer, a vida me faz mal!...

MEFISTO

E no entanto, a morte jamais é uma aparição bem vista!

FAUSTO

Maldigo tudo! (Canta.)

CANÇÃO MALDIGO TUDO

Maldigo tudo!

O que nos governa em obra sedutora

E em caverna de miragens nos soterra

Maldita a arrogante razão!

Maldito o encantamento da sensualidade

Entranhada n'alma!

Maldito os sonhos de fama e glória

Maldito o amor!

Maldita a uva e a rubra essência...

Maldita a fé

Maldita a esperança, maldita a crença...

E mais maldita ainda a paciência...

(Ouve-se o Coro dos Gênios.)

CANTO DO CORO DOS GÊNIOS

Pobre de ti Fausto

Aniquilaste o lindo mundo

Tudo ruindo, tudo caindo fundo...

Pobre de ti Fausto, dos filhos da terra

Um dos mais fortes, resplandecentes!

MEFISTO (Fechando o canto.)

Dá um novo rumo à tua vida

Com senso claro e preparo.

Não brinques mais com a dor que devora a tua vida feito um abutre. Na pior companhia em que te aches, entre homens sentirás ser homem!!! E se te agrada a ideia de correr no mundo voraz, serei teu guia e laçao, fazendo o que te apraz. Disso sei que sou capaz!

FAUSTO

E como vou pagar os teus serviços?

MEFISTO

Pra isso há tempo... que não se paga à vista...

FAUSTO

O diabo é um egoísta e nada fará só por amor a Deus. Diz claramente as tuas condições.

MEFISTO

Obrigo-me a te servir, aqui em tudo, sem descanso ou paz; no encontro nosso, no outro mundo, o mesmo por mim farás.

FAUSTO

Que importam os infortúnios do outro mundo? Faz este aqui logo em pedaços. Não quero saber se no além há ódio, amor ou estima ... muito menos se existe algum embaixo e algum em cima.

MEFISTO

Posso te dar, Doutor, o que nunca viu nenhum ser!

FAUSTO

O quê? O que podes oferecer, pobre diabo? Quando o gênio humano, em sua infinita busca, foi compreendido pela tua rasa casta?

MEFISTO

Meu caro amigo, está por vir o tempo em que, calmamente, vais saborear o prazer...

FAUSTO

O prazer?... O prazer...

Se algum dia eu me satisfizer tão completamente, tão intensamente, se algum dia eu disser a um instante fugaz, apenas um: – Para! És tão belo! ... Que o tempo pare seus ponteiros e assim meu tempo acabe. Em correntes me encerras e sorrindo eu sucumbo. Eu aposto. Topas?

MEFISTO

Topo! Mas pensa bem, pois assim ficará gravado em minha mente.

FAUSTO

Eu não me comprometi em vão! De qualquer forma sou escravo, que me importa se de outro ou de ti?

MEFISTO

Te peço então que assines com uma gota de teu sangue, especial extrato, o definitivo contrato!

FAUSTO

Não há perigo de eu romper o pacto!

O afã, o meu vigor completo é justamente o que prometo.

Partiu-se o espírito sublime, com a ciência toda me arrepio.

Que venha então o efêmero momento, o giro rápido do evento!

Alternem-se prazer, dor, triunfo, dissabor,

que assim patenteia-se o homem na incessante ação.

Não penso em alegrias, não: me entrego ao delírio, ao mais cruciante gozo, ao fértil dissabor como ao ódio amoroso.

Meu peito está curado da ânsia do saber, e a dor nenhuma fugirá no mundo.

E o que a toda a humanidade é dado, eu quero sentir no meu próprio Eu, a fundo.

MEFISTO

Mas esse todo, só é possível a um Deus!

FAUSTO

Mas eu quero!!! O que sou eu se não posso desejar a joia rara do EU todo, a aspiração suprema?

MEFISTO

Hás de ser sempre apenas o que és! Por mais que te cubram anéis, botas, sedas, títulos... no fim serás apenas o que és.

(Firmam o pacto.)

E outra, Doutor: tudo vês com o crivo da tua laia. Mais esperteza! Antes que o bom da vida te abandone, mete a cara no mundo!

FAUSTO

Como?

MEFISTO

Prepara-te para uma bela viagem!

(Canta.)

CANÇÃO DE MEFISTO

*Se eu fosse só a pedra afiada que corta
Se eu fosse só faca ferina que rasga
Se eu fosse só o soco que aturde o teu rosto
Se eu fosse a voz nefasta que urde em tua mente toda ação inconsequente
Mas não
Reverbero o teu desejo
Eu te mostro os teus anseios
Realizo que tu sigas teu mais puro impulso
Que te entrega à tua vida
À poesia dos sentidos
E te faz apreciar a potência de estar vivo.*

[Fala.]

Chamam a isso demônio?

Chamam a isso inferno?

TOADA DO VAI

*Vai! Despreza o gênio e a ciência
Do ser humano a máxima potência!
Deixa que eu te cegue no embalo da feitiçaria
Gira com o demo e sua mentira!
Teu gênio ardente empurra só pra frente, sem pensar,
Vai! Te arrasto no teu afã para uma vida impetuosa e nula.
Lute, esperneie, se espedace, na sua insaciável gula!*

V :: TABERNA

[Quatro homens bebendo, entediados.]

ELÍSIO

Ninguém... ninguém...

GORDO

Ninguém faz nada pra animar o ambiente, dar uma divertida...

ELÍSIO

Ninguém... ninguém...

BRANDÃO

Quem fala! Você também não faz porra nenhuma pra alegrar, Gordo. Nenhuma besteira, nenhuma sujeira!!...

GORDO

Quer besteira? Quer sujeira? Aqui vai, as duas de uma vez! (Joga a bebida na cara do outro.)

BRANDÃO

Agora você foi desleal! Vou ter que enfiar isso aqui no seu cu... (Pega o seu cavaquinho.)

GORDO

Ô, parou! Estou só provocando! Você não consegue entender uma provocação? (Ameaçam brigar.)

TAMPA

Chora cavaco!!!

GORDO

Toca alguma coisa aí, vai!

BRANDÃO

(Ajeitando seu instrumento.) Toco mesmo.
Vou tocar uma música engajada.

VINHETA DO IMPÉRIO

*Como se sustenta ainda
O sacrossanto império americano?
O sagrado império americano?
O invencível –*

GORDO

Parou, parou, Brandão! Isso aí é feio, é triste, é político! Deus não merece tanta merda!!

BRANDÃO

Então toca você, caralho!

GORDO

Eu vou tocar uma romântica... só vou mesmo com as romântica...

SAMBA DO ROUXINOL (Ao som de surdo e pandeiro.)

*Cem vezes vai saudar minha amada ao pôr do sol!
Vai, bate as asas, meu amigo rouxinol!*

BRANDÃO

É, vai saudando a amada, sua cabeça fica toda galhada...

GORDO

Você tá provocando!! (Para de tocar. Ameaçam brigar de novo.)

TAMPA

Chora cavaco!!

BRANDÃO

Já sei, diz uma palavra aí, Tampa!

TAMPA

Fogo no rabo!

BRANDÃO (Pega o cavaquinho e improvisa.)

PAGODE DO RATO

*Vivia de manteiga e banha
Na cozinha um rato feio e arisco
A pança dele ficou tamanha
Maior que a batina do Papa Francisco.
A cozinheira armou ratoeira
Encheu de veneno um nabo
Aí ele sentiu a treta
Como se tivesse fogo no rabo.*

CORO

Como se tivesse fogo no rabo!

TAMPA

*Agora a cozinheira!
A chapa esquentou pra você
Ficou com a bunda em brasa!
Pula, rato escroto pra eu vê
Só não caga no chão da minha casa!*

*Agora vai morrer lá no lixo
Eu fico aqui tirando um sarro.
Parece que tá doído esse bicho
Como se tivesse fogo no rabo.*

CORO

Como se tivesse fogo no rabo!!

GORDO

Eu sou o rato, então!

BRANDÃO

Vai, ratão!

GORDO

*Eu quero é morrer na cozinha
Sua véia filha da puta!
Vomitar na sua farinha
E foder o seu pudim de araruta.
Eu vou feder pra chuchu
E você é que vai pagar o pato (Ó o pato aí, gente!)
Meu último suspiro é no cu
Como se eu tivesse fogo no rabo.*

CORO

Como se eu tivesse fogo no rabo!!!

(Durante o final da música, Fausto e Mefisto entram na taberna e sentam-se.)

ELÍSIO

Olha lá...

Tem cara altiva e descontente...

São de alta classe, é evidente...

MEFISTO

Doutor, trago-te antes de tudo a esta roda alegre e livre onde poderás estudar a vida fácil. Para este povo todo dia é festa. A graça é pouca, mas havendo quem aplauda, brincam como gato com o próprio rabo! Enquanto as dores não os atinjam e lhes dá crédito o taberneiro, seguem vivendo, vivos estão!

MEFISTO

*(Aproxima-se e se dirige aos homens. Sua figura os deixa inquietos.)
Estou enganado, ou ouvi música ao entrar?*

BRANDÃO

Tá enganado... (Tenta esconder o cavaquinho.)

MEFISTO

E então? (Canta.)

TANGO DA PULGA

*Era uma vez um rei
De gosto bem particular
Era dono de uma pulga
Amava como a um filho
A microcriatura peculiar
Era tamanho o amor pelo minúsculo ente
Que encomendava
Dos melhores alfaiates
As mais finas vestes.*

(Os homens se animam e riem com a música.)

*Ministro se tornou a pulga adorada
Com ordem estrelada ornamentada, apadrinhada
E toda a sua família à corte foi chamada
Atormentando a todos a cada nova picada
A corte toda desesperada
Sem poder coçar, matar
Pois pelo rei essa era a ordem dada.*

TODOS

(Animados, erguem-se e cantam a plenos pulmões. Apenas Fausto fica sentado quieto.)

Mas nós livres desse mandamento
Assim que nos mordem podemos atacá-las
Espezinhá-las
Apertá-las
E por fim matá-las!

MEFISTO

Bravo!

(Saem alguns, ficam apenas Brandão e Gordo.)

BRANDÃO

Muito boa, forasteiro! Toma uma aqui, com os nossos cumprimentos. (Oferece um copo.)

MEFISTO

Com prazer. (Cospe a bebida no chão.)

Não fosse a bebida neste lugar de tão má qualidade... eu esvaziaria um copo num brinde à liberdade...

GORDO

Sentimos muito que não agrade vossa excelência, vossa majestade!!!

MEFISTO

Mas se quereis algo diferente, posso vos oferecer aqui uma nobre, espirituosa aguardente...

BRANDÃO

Opa! Põe essa malvada aí pra gente!

MEFISTO

Preciso de um furador!

BRANDÃO

Cadê o furador, Gordo?

GORDO

Deixa eu ver, tava por aqui... (Começam a procurar, discutindo.)

MEFISTO

Achei!

(Surge um machado na sua mão erguida. Fausto retira-se. Mefisto dirige-se para os dois, que ficam apavorados, mas ele apenas toca com o machado na borda do surdo do Gordo. A bebida começa a verter magicamente do instrumento.)

Bebam à vontade!

BRANDÃO

Que é isso, Gordo?!? (Prova do líquido.)

GORDO

Já te digo o que é isso!... (Provando também.)

BRANDÃO

Isso é absolutamente vodca!

GORDO

Que vodca... É isso aqui é champanhe!... (Começam a discutir.)

MEFISTO

Senhores! Atenção: não derrameis nem uma gota sequer...

BRANDÃO

Pode deixar, a gente é profissional, não tem xabu e –

(O líquido derrama e os dois homens 'derretem, virando macacos. Transição para a cena da Bruxa.)

VI :: COZINHA DA BRUXA

(A Bruxa entra, com uma caveira de burro, e os macacos juntam-se a ela, arrumando o espaço e todas as coisas para suas artes.)

FAUSTO

Por acaso a cura que me prometes vou encontrar aqui, neste chiqueiro de delírios?? Nenhuma alma nobre inventou ainda um bálsamo natural?... Porque esta velha ignorante vai me devolver a juventude, vai?

MEFISTO

O sistema natural para rejuvenescer é simples e milhões o aplicam: vai para o campo, trabalha duro na enxada, e come a comida pura que o teu braço produzir. Te garanto que renovarás 70 anos!!!

FAUSTO

A vida rústica não é comigo. A enxada é árdua....

MEFISTO

Pois venha a bruxa então, amigo. (Joga-o para a Bruxa.)

BRUXA (Encarando Fausto.)

Quem és tu? O que queres aqui? Brasa inflamada te roa a ossada!!!

(Tenta atingir Fausto com fogo. Mefisto intervém, a Bruxa cai ao chão.)

MEFISTO

Como assim, não reconheces mais o teu senhor? O que me impede de incinerar agora mesmo a ti e todo teu bestiário de fantasmas?

BRUXA

Perco a razão, perco o juízo! Se não é Dom Satanás de novo aqui metido!

MEFISTO

Mulher, esse apelido está fora de moda. O Gênio Mau já se foi há tempos, ficaram apenas os maus. Agora sou um cavalheiro como outro qualquer dessa cidade. Uma autoridade. Podes chamar-me de Senhor Barão e, assim, reverenciar o meu brasão!...

(A Bruxa se excita com a presença de Mefistófeles. Fausto se interessa pela imagem de uma mulher que aparece nas paredes.)

MEFISTO

Traça o teu círculo, dama mandingueira! Entoa esconjuros, trazendo a juventude ao Doutor com a transbordante taça!

(A Bruxa convoca os macacos, que agarram Fausto e o colocam no centro do espaço, onde ele fica paralisado.)

BRUXA

Invoco as forças naturais
Anfitriãs de tenebrosas contendidas
Com meus pés macero as ervas
Em noites de lua nova
Vem senhora!
Em teus ritmos precisos
Cisco o círculo e atuo
No um começa
No dois se forma
No três aparece
Eis que surge na chama
O fogo que dança
Está pronto!
Está dito!
Está feito!

(Bruxa e macacos formam uma figura de três cabeças.)

Eis aqui o feito fátuo, real
Mesmo que de textura pura isento
Aqui está!
Pelas barbas potentes do bode
O mágico unguento!

(Forçam Fausto a beber.)

FAUSTO

Beberagem nojenta! Socorro, é um sarapatel de loucos!

MEFISTO

Qual! Vira tudo, doutor! Derrama! Queres ser unha e carne com o diabo e te apavoras vendo a chama?

(Fausto vai se transformando e aparece no fim do processo rejuvenescido.)

MEFISTO

Vem comigo, Doutor! Eu serei teu guia.

FAUSTO

Um momento ...quero contemplar ainda essa aparição. (Indica a mulher na parede.)
Nunca vi mulher tão bela!!! Não é?

MEFISTO

Com este néctar em tua carne faminta há de ver uma Helena em cada fêmea! Vamos embora! (Saem.)

2º ATO

I :: PASSEIO

(Chove na cidade. Margarida caminha no passeio, sem se importar com a chuva, de fato, se diverte e delicia com as gotas que lhe caem sobre o rosto. Fausto a observa com muito interesse.)

FAUSTO

(Aproximando-se e caminhando junto com ela.) Formosa dama, posso ousar oferecer o meu braço para lhe acompanhar?

MARGARIDA

(Inquieta.) Nem dama nem formosa sou
Posso ir para casa a sós, e vou. (Afasta-se.)

FAUSTO

Quero essa putinha para mim!

MEFISTO

(Aparecendo de repente, esquadrinha a plateia.) Qual?

FAUSTO

Essa que acabou de passar!

MEFISTO

Aquela ali? É pura, inocente
Alma devota e crente.
Acabou de se confessar
E nem tinha nada do que falar.
Sobre ela não tenho poder algum...

FAUSTO

Deve ter já uns 15 anos. Já tem idade pra se deixar cortejar.

MEFISTO

Falas como um Don Juan, Doutor
Que cobiça todas as flores
E julga não haver valores,
E nem favores impossíveis de colher.
Mas nem sempre é assim...

FAUSTO

Meu mestre na arte da honradez
Deixa-me em paz com teus sermões e traz logo o que te peço de uma vez!
Serei curto e grosso no falar:
Se o sangue fresco da donzela em meus braços ainda hoje não descansar
À meia-noite me despeço de ti e vou firmar alianças em outro lugar

MEFISTO

Agora sem queixa e sem troça!
Não dá pra ir tão depressa
Com aquela bela moça.

FAUSTO

Trata então de arrumar um presente
Um regalo pra conseguir o seu apreço.
Há de ser um bom começo! (Sai.)

MEFISTO

Se o próprio Lúcifer tivesse uma dúzia desses príncipes, teria que receber dízimos, e ganhar comissão, pra não ficar pobre!...

II :: CREPÚSCULO

MARGARIDA (Em seu quarto, prepara-se para tomar banho, muda de roupa, penteia os cabelos no espelho etc. Canta.)

CANTO DE MARGARIDA NO QUARTO

*Daria tudo pra saber quem era o moço tão fino
Que na chuva vi seguir meus passos*

(Sai. Fausto vem se esgueirando e entra no quarto dela.)

FAUSTO

(Enquanto observa atentamente o quarto.)
Uma doce dor agarra o meu coração
Respiro silêncios e me sinto livre
Mesmo aqui nessa prisão, que se apresenta sob a forma de amor.
Ah menina, sinto murmurar aqui teu espírito de ordem e confiança.
(Leva a roupa dela ao rosto.)

Em meio à singela pobreza da tua morada me embriago de teus cheiros...
O que é isso que sinto, emoção estranha e doce?
Meu íntimo tocado, o coração sentido; por novas sensações trespassado?
(Olhando-se no espelho.)
Te desconheço, mísero Fausto!
E se ela entrasse agora, nesse instante?...
Que pequeno eu cairia, o grande sedutor, a seus pés....
Paira, puro encanto, um vapor no espaço!
Pensava apenas na sede do gozar
E, inebriado na mágica do amor, me desfaço!...

MEFISTO

(Surgindo.) Depressa Doutor, ela está voltando! Aqui, a caixa de presentes que eu...
tirei de outro lugar para que possas lisonjear a tua bela moça!! Ficaré sem sentidos a
donzela, pois dentro há coisas de conquistar uma princesa.
Se bem que a afirmar nem me animo.... vá saber... cada criança um mimo.

FAUSTO

Não sei mais se me atrevo... Não sei se devo...

MEFISTO

Ah, como cansas, homem, a luz do dia, o meu esforço e a minha paciência...
Queres ficar com o tesouro, antes de desfrutar das boas consequências?
É avareza o ímpeto da desistência?... (Ouve-se Margarida voltando do banho,
cantarolando. Saem às pressas, deixando a caixinha.)

CANÇÃO NA BEIRA DO RIO

MARGARIDA

*Na beira do rio
A lua espiava
O lenço da rainha
Que a correnteza levava*

*Na beira do rio
Tem água salgada
São lágrimas do rei
Com saudades da amada
Na beira do rio
Na beira do rio*

(Percebe a caixinha.)

Que caixinha é essa?!? (Abre-a.) Ah meu Deus...! Meu Deus!! (Experimenta as joias no espelho, maravilhada.)

Nunca em minha vida eu vi coisa assim!

Se ao menos os brincos fossem meus...

Ficaria melhor a minha aparência sob os encantos seus...

(Contendo-se.)

É apenas ouro, não passa disso, não é tudo...

Mas é o que move o mundo...

Coitados de nós, pobres

Que vivemos ao largo dessa energia que governa

A nós cabe o olhar de compaixão, de piedade

Pois o peso do ouro é o que pesa

E a nós o fardo do que não nos pesa.

Coitados de nós, pobres pobres!

(Fecha a caixinha.)

III :: UMA ESQUINA

(Fausto aguarda impaciente por Mefisto.)

MEFISTO

(Chegando.) As joias que arrumei, nas mãos de um padre foram parar... Também aquela velha, a mãe, que tudo vê, tudo fareja, doou à igreja o mimo! E o padre adorou: “Minhas senhoras, somente a igreja conhece os tratados para digerir os bens maculados”.

FAUSTO

Isso é praxe pública. Juízes, banqueiros, padres, todos sabe sugar seu dinheiro. Eu quero é saber de Margarida!

MEFISTO

Margarida? Está dividida, não sabe mais o que deseja, nem o que deveria. Pensa nas jóias dia e noite, noite e dia e mais ainda em quem lhe fez tal cortesia...

FAUSTO

Então arranja outra joia e coloca no mesmo local! Mas que seja bem melhor! Aquela nem era tão especial! (Sai.)

MEFISTO

Pois não, monsieur!... Quem sou eu para desobedecer?

Um louco apaixonado assim
É capaz de dissipar ao vento
O sol, a lua e as estrelas
Só pra dar ao amorzinho um passatempo.

III :: CASA DA VIZINHA

MARGARIDA

(Chamando à porta.) D. Marta! D. Marta!

MARTA

Guida, o que é?

MARGARIDA

(Entrando.) Estou com os joelhos tremendo! E como não?
Olha, muito mais ricas que as primeiras estas são...
(Mostra-lhe as novas joias.)

MARTA

Ai, tu, que criatura mais sortuda!

MARGARIDA

Pena que não tenho aonde ir para me luzir...

MARTA

Vem sempre cá desfilas com as tuas joias belas...
Na frente do espelho as mostrarás e assim nos alegraremos com elas...
Meu marido há tanto tempo caiu no mundo, aqui estamos a sós,
podemos fazer tudo.

MARGARIDA

Mas quem me estará trazendo esses tesouros?
Não me parece bem, esbanjar comigo ouros...

(Batem à porta.)

MARGARIDA

Meu Deus, será que é minha mãe, ela desconfia de tudo, será que ouviu a gente?

MARTA

É um cavalheiro estranho... Pode entrar.

MEFISTO

Boa tarde. Eu procuro a senhora Marta Schwertlein, por favor.

MARTA

Sou eu.

MEFISTO

Quisera eu não ser o portador de tão funesto relato! Seu marido está morto e manda um abraço!

MARTA

Morto? Meu marido, meu amor... morto! Ai que dor! (Cai em prantos, Margarida a consola.)

MEFISTO

Dor traz prazer, prazeres trazem dores. Esse é o jogo e somos todos jogadores.

MARTA

Mandou-me ele algo?

MEFISTO

Sim. Um pedido. Que mande rezar 300 missas por ele.

MARTA

Ai, que bandido!

Que avaro!! Que desgraçado!!! (Chora ainda mais.)

MARGARIDA

Evitarei feridas.... É por isso que não quero nunca amar nessa vida.

MEFISTO

Mas já tens idade para casar, menina. És digna de ser amada.

MARGARIDA

Ah, não, ainda é cedo por enquanto.

MEFISTO

Senão um marido, um amante ou namorado...

Alguém que do prazer do amor te mostre o encanto.

MARGARIDA

Isso agora não é a questão.

E nem é costume da região...

MEFISTO

Mas pode acontecer, sendo costume ou não.
Como anda o coração? (Margarida cala.)
Bem senhoras, por hoje me retiro, é isso?...

MARTA

Ah, senhor, por favor, só mais um pedido, eu preciso de um atestado de onde, como e quando o meu tesouro foi enterrado.

MEFISTO

Um atestado?... Bem, há um ilustre cavalheiro, muito distinto, que estava presente no momento, diante do juiz ele daria seu depoimento, selando assim o acontecimento. Duas testemunhas bastam para que se estabeleça a verdade. Posso trazê-lo aqui e atender a sua necessidade...

MARTA

Por favor... (Mefisto retira-se.)

IV :: JURAMENTOS**FAUSTO**

(Furioso.)

Não! Isso não! Em toda minha vida eu nunca, jamais, jurei em falso! E não há de ser agora! Arruma outra solução!

MEFISTO

Oh, santo homem, certamente é a primeira vez que prestas falso testemunho... Passaste a vida no banco de uma universidade, professorando sobre Deus, o homem, o movimento dos astros, a política,... E na verdade sabias tanto quanto sabes da morte desse senhor...

FAUSTO

És um mentiroso, um sofista!

MEFISTO

E por acaso sou eu que, amanhã mesmo
Vi jurar à pobre Margarida
Todo o amor que houver nessa vida?

FAUSTO

Não: sou eu!... E de todo meu coração!...

MEFISTO

Então, eu tenho razão.

FAUSTO

Razão?...

Basta ter língua para ter razão.

Então, presta atenção:

Chega dessa conversa, poupa meu pulmão, e vamos.

Se alguém aqui tem razão, és tu

Afinal, eu preciso...

Tu és o amo...

V :: JARDIM DE MARTA**MARGARIDA**

Eu sinto que o senhor só está me poupando

Mas bem sei que um homem como o senhor

Não pode se entreter com a conversa de uma menina como eu

FAUSTO

Um olhar seu, uma palavra, entretém mais do que todo o saber deste mundo.

(Tenta tocar a mão dela, que se esquiva.)

MARGARIDA

Não se incomode...

Minhas mãos são ásperas.

Já fizeram muito trabalho árduo!

FAUSTO

É bem verdade que a simplicidade e a inocência

Jamais conseguem reconhecer o seu valor sagrado...

(Tenta acariciar seu rosto, ela se esquiva.)

MARGARIDA

Pense em mim um só instante

Que pra pensar no senhor, eu terei tempo o bastante...

FAUSTO

Meu anjo, perdoas a liberdade que tomei

Outro dia, quando saías da missa

E eu, tão malcriado, te abordei?

MARGARIDA

Eu fiquei surpresa, ninguém pode falar um “a” de mim.

Pensei: por que lhe veio a vontade de me cortejar como se eu fosse uma qualquer?...

FAUSTO

Jamais...

MARGARIDA

Não sei o que começou a agir a teu favor, só sei que de repente fiquei tão brava comigo, que não consegui ficar brava contigo... (Enquanto ela fala, vai despetalando uma flor, até sobrar apenas uma pétala.)

FAUSTO

Sim, minha menina, percebes o que isso significa? Ele te quer! Ele te quer!

MARGARIDA

Estou tremendo toda...

FAUSTO

Não, não tremas.

Deixa que esse olhar

Esse aperto de mão, te digam o que é impronunciável.

A entrega absoluta, o gozo,

Que devem ser eternos!

Eternos! Pois o seu fim seria o desespero!

Assim... sem fim! Sem fim, Margarida!

(Abraça-a, procura beijá-la, ela foge, ele a segue e segura sua mão. Iniciam uma lenta dança da paixão, aproximando-se e afastando-se alternadamente. Margarida vai se soltando, até a dança culminar num profundo abraço e uma longo beijo.)

MEFISTO

(Chamando.) Já é hora, Doutor!

FAUSTO

(Retirando-se com Mefisto.) Animal!

MARGARIDA

Meu Deus! Que homem é esse?!... Sabe tudo, pensa tudo! Eu sou uma menina de uma ignorância sem fim. Não consigo entender o que ele viu em mim...

(Sai cantarolando.)

Perdi minha paz e o coração me pesa...

VI -:: GRUTA

FAUSTO

(Sozinho.) Sublime Gênio da Terra, tens me dado tudo.
Como presente, me devolveste à natureza
E forças para senti-la, penetrá-la.
E quando o furacão no mato ruge, me trazes aqui a essa tranquila gruta...

(Entra Mefistófeles, rindo.)

Mas nunca é dada a perfeição ao homem. A esse êxtase que me aproxima dos deuses, juntaste esse companheiro que reduz tuas dádivas a nada! E o qual já não posso dispensar! Ele inoculou em meu peito um fogo tão intenso que do desejo eu salto imediatamente ao gozo, e no gozo, já aspiro a novo desejo!!!

MEFISTO

Fausto, explica-me uma coisa: de início transbordou tua paixão, como após a neve o riacho se esparrama ao sol. E tudo verteste no coraçãozinho da moça. E agora queres secá-lo, é isso?

FAUSTO

Serpente! Não fales dessa bela mulher! Tu exigiste esta vitima, Satanás. (Mefisto ri.)
Quem sou eu? Um monstro! Ela, uma criança inocente, e eu destruí a sua paz!

MEFISTO

Fausto!... Estás indo para o leito da tua amada, não para o enterro dela!

FAUSTO

Sim, eu quero! Quero encostar o peito no peito e a alma na alma...
Mas é impossível! Margarida dorme com a mãe, e a mãe tem o sono leve!...

MEFISTO

Não seja por isso, eis aqui, ó. (Oferece a Fausto um frasquinho.)

FAUSTO

Isso não fará mal a ela, eu espero?

MEFISTO

Achas que, se fizesse algum mal, eu te daria?...

FAUSTO

(Agarrando o frasco.) O que há de ser, que seja! Que o destino dela desabe sobre mim!

VII :: RELIGIÃO E VENENO

MARGARIDA (Em seu quarto, canta.)

PERDI MINHA PAZ

*Perdi minha paz e o coração me pesa...
Já não acho mais
Nem acharei jamais.
Quando ele não vem
Não quero saber de nada
Fico toda agoniada
Nem sei o que pensar.
Perdi minha paz...*

(Fausto chega. Transição para o jardim de Marta.)

MARGARIDA

Posso te fazer uma pergunta?

FAUSTO

Fala.

MARGARIDA

Como és com a religião?...
És um homem amável e bom
Mas acho que não tens muita devoção....

FAUSTO

Menina, deixa disso...
Tu já não sentes que sou bom?
Capaz de dar tudo por quem amo!
Dei corpo e sangue por quem amo.

MARGARIDA

Mas isso não é suficiente...
É preciso crer!

FAUSTO

É preciso crer? Por quê?
Podes perguntar aos padres, aos sábios
E a resposta sempre parece um deboche a quem perguntou.

MARGARIDA

Então não acreditas?

FAUSTO

Não foi isso que eu disse!

Eu quis dizer: quem aqui pode nomeá-lo?

Quem aqui pode afirmar, com convicção: “Eu acredito em Deus”?

E quem ousaria dizer: “Não, eu não acredito”?

Afinal, ele não está em tudo?...

Não contém tudo?

O sol não se levanta todos os dias?

A Terra não está bem firme embaixo dos teus pés?

E por todos os lados, as estrelas não povoam o firmamento?

Quando te olho nos olhos

Não sentes, pulsando, infinito

Invisível e visível ao lado teu?

Faz o seguinte: preenche o teu coração

De tudo que é bom, impregnado desse sentimento

Dá a isso o nome que quiseres

Chama-o de natureza, amor... Deus...

Eu não tenho nome para isso.

Nome é som e fumaça

Que encobre o ardor celeste.

MARGARIDA

Falas bonito e ouvindo assim, quase me convences...

Mas tem alguma coisa torta

Porque não reconheces a figura do Cristo....

FAUSTO

Querida menina!

MEFISTO

E tem ainda outra coisa

Esse sujeito que anda contigo....

A presença dele me arrepia...

FAUSTO

Não temas...

MARGARIDA

Quando ele está por perto, parece que tudo ao redor... da gente... tudo que estamos vivendo se... (Fausto põe a mão sobre a boca de Margarida e a encara fixamente.)

MARGARIDA

Quando ele está por perto, parece que tudo ao redor... da gente... tudo que estamos vivendo se... (Fausto põe a mão sobre a boca de Margarida e a encara fixamente.)

FAUSTO

Confia...

MARGARIDA

Preciso ir embora.

FAUSTO

Ah, não...

MARGARIDA

(Já saindo.) É que eu moro com a minha mãe e se ela...

(Fausto a segura pelo cabelo, detendo-a.)

FAUSTO

Será que nunca teremos um tempinho?

Para encostar o peito no peito e a alma na alma? (Abraça-a.)

MARGARIDA

É que a minha mãe, ela... (Tentando ir.)

FAUSTO

Não seja por isso. (Mostra o frasquinho.)

Bastam algumas gotas. E ela cai em sono profundo.

MARGARIDA

Isso não fará mal a ela, eu espero?

FAUSTO

Achas que, se fizesse, eu te daria?

MARGARIDA

Não sei o que me faz orientar pelo teu desejo...

Já fiz tanto por ti que quase não me resta nada a fazer. (Sai com o frasco.)

MEFISTO

(Aparece, escarnecendo.) Será que eu ouvi bem?

O grande Fausto, o Doutor, sábio, estava sendo catequizado??

Que amante transcendental! Uma empregadinha manda em ti, agora?

FAUSTO

(Irado.) Aborto do fogo e do lodo!

MEFISTO

E amanhã à noite, hem? “Vou te mostrar, Margarida, como a vida pulsa!...” (Faz um gesto obscuro. Ri.)

FAUSTO

E o que te importa? Qual teu interesse nisso?

MEFISTO

Digamos que eu também tenha um certo prazer nisso, meu amigo. Vamos até o fim agora, Doutor Fausto!

VIII :: NA FONTE

CANÇÃO DO OLHO D'ÁGUA

LISA E MARGARIDA

(Cantam, enquanto lavam roupa na fonte. Um Coro das Águas acompanha a cena, pontuando o diálogo com sons de água.)

Lava olho d'água

Escorre pra poder limpar

Leva olho d'água toda má palavra pro fundo do mar...

LADAINHA DO NÃO

CORO DAS ÁGUAS

Se eu não fiz

Que ninguém faça

Se eu não posso

Ninguém possa

Se não pude ser

Que ninguém seja...

Quem faz, quem diz, quem pragueja?

LISA

Guida.

MARGARIDA

O quê?

LISA

Não ouviste falar de Bárbara?

MARGARIDA

Não, quase não saio, nem encontro as pessoas.

LISA

Ela se entregou...

MARGARIDA

Como?

LISA

Pois é! Agora quando come e bebe, alimenta dois...

MARGARIDA

Nossa!

LISA

Também, vivia pendurada no pescoço daquele sujeito! Ele sempre a cortejando, com pastelzinho, vinhozinho... Foram tantos presentes e carícias pra cá, Que foi-se a florzinha pra lá...

MARGARIDA

Coitadinha!

LISA

Coitadinha?!? Enquanto a gente fiava na roca
E à noite tinha a mãe do lado
Ela estava lá, passando bem com o namorado.
Agora ela tem que ser humilhada!

MARGARIDA

Mas ele vai casar com ela, certamente.

LISA

Casar?!? (Ri.) Só se ele for louco. É um rapaz esperto, já está longe. Foi-se!

MARGARIDA

Não... Quem sabe?... Isso às vezes pode ter um fim diferente...

LISA

Guida? Não te reconheço!...

CORO DAS ÁGUAS

Não somos livres... Somos elos de pesada corrente.

MARGARIDA

Meu Deus do céu... Como pude ser tão cruel
Quando uma moça se perdia!
Como eu enchia a boca falar do pecado alheio
Via a coisa suja, ainda mais suja do que era
E mesmo assim não era suja o bastante pra mim.
Mme benzia, me exibia. E agora, quem pecca sou eu!
Mas tudo que me levou a isso Foi tão bom, tão doce!
(Tem um pressentimento.)
Mãe?... Mãe!!
(Sai correndo.)

ESPÍRITO MAU

(Voz em off.) Guida! Onde estás com a cabeça!
Qual o pecado em teu coração?
Choras pela alma da tua mãe
Que por ti adormeceu em aflição eterna?
Guida!!!

MARGARIDA

Se pudesse me livrar desses pensamentos que vão e vem contra mim!!

ESPÍRITO MAU

O pavor te consome! Queres te esconder, Guida? Por acaso a vergonha e o pecado se escondem?? Guida!!!

MARGARIDA

Ar!!... Luz!!!... Ar!!!...

ESPÍRITO MAU

Oras agora pela alma da tua mãe
Que morreu por tua causa
Para que ficasses a sós com teu amante?
Guida!!!

MARGARIDA

Se pudesse me livrar desses pensamentos que vão e vem contra mim!!!

ESPÍRITO MAU

Queres te esconder, Guida? A vergonha e o pecado não se escondem!!! Guida!!!

MARGARIDA

Ar!!!... Luz!!!... Ar!!!...

ESPÍRITO MAU

Guida!!!!

IX :: VALENTIM

(Durante o final da cena anterior, Valentim, irmão de Margarida, encontra Fausto e se lança ao duelo com ele. Fausto, a contragosto e auxiliado por Mefistófeles, transpassa o outro com a espada, segura seu corpo moribundo, mas é arrastado por Mefistófeles, fugindo para longe dali.)

MARGARIDA

(Horrorizada.) Quem é que jaz aí, caído?

VALENTIM

Sou eu, Guida, teu irmão Valentim.

MARGARIDA

Jesus meu, que transe mortal é este? Que pesadelo!!! Eu quero acordar!!!
(Tenta abraçar o irmão, que a repele.)

VALENTIM

Presta atenção, Guida, desperta!!! Ainda não és bastante esperta.
Então escuta: Já que agora és prostituta,
No novo ofício precisarás de mais desenvoltura!

MARGARIDA

(Desesperada, em prantos.) Por favor, meu irmão, não me desgraces!!! Por Cristo!!

VALENTIM

Deixa o Senhor fora disto!
Bastou um homem, um único homem
Numa única noite – e foi a tua ruína.
Agora, toda a cidade há de te querer
Tu, querendo um a cada noite
Esse será o teu açoite!

Já vejo, lá na frente, o dia em que
Horrenda será a tua simples presença!
Gelado o teu coração pelo desprezo de cada olhar
Enojado pelo teu terrível semblante, Margarida...
Na igreja já não te deixarão entrar
Muito menos chegar aos pés do santo altar!
E ainda que o Céu de ti se compadeça
Serás maldita sobre a terra,
Porque eu te maldigo!!!!

MARGARIDA

Meu mano! Irmão querido, não, não!!!...

VALENTIM

Deixa de lamentos e guarda tua dor!
É um campo que semeaste
Pisoteando tua honra e abrindo
Teu coração-flor a qualquer um
Agora é tarde, Guida...
Morrendo, entro para o Além,
Como soldado e homem de bem! (Morre.)
(Lembra-se da mãe.)
Mãe! Mãe!!! (Sai correndo.)

X :: CAMINHO PARA VALPÚRGIS

FAUSTO

Para onde me levas agora, espírito infernal?

MEFISTO

Vou te levar
Meu inventado fidalgo
Ao festim da carne.
Um desfileiro de prazeres verás em Valpúrgis
Terra enfeitiçada
Domínio de bruxos e criaturas.
Ah Fausto, olha para o alto!
Lá verás Dom Satanás
Te dando as boas vindas e atiçando teus instintos
Queima no fogo do esquecimento todo o acontecido
E desfruta deste império dos sentidos!!!! Fausto!!

XI :: VALPÚRGIS / TRAGÉDIA DE MARGARIDA

(Imagens da orgia vivida por Fausto em Valpúrgis. Música desenfreada.)
(Alterna para Margarida enterrando a mãe e o irmão, com duas cruzes no chão.
Órgão de igreja.)

SÚPLICA À MÃE DAS DORES

VOZ DE MARGARIDA EM OFF

*Inclina Mãe das Dores, Mãe Divina
Teu semblante ao meu sofrer.
No peito a espada traspassada
Teu filho assistes morrer.
Envias ao Pai meus suspiros e ais...*

(Alterna para imagens da orgia vivida por Fausto em Valpúrgis. Música desenfreada.)
(Alterna para Margarida aparecendo grávida. Órgão de igreja.)

*Salva-me da vergonha e da morte
Mãe das Dores, Mãe Divina!
Salva-me!! Mãe Divina!!!*

(Orgia de Fausto em Valpúrgis. Música desenfreada.)

(Margarida com o pequeno caixão de seu recém-nascido morto.
Órgão de igreja.)

(Orgia de Fausto em Valpúrgis. Música desenfreada.)

(Margarida presa em uma cela com correntes. Silêncio. Imagem do rosto de Fausto,
que observa e percebe o estado em que ela se encontra.)

VOZ DE FAUSTO EM OFF

Margarida... Guida, meu amor...

XII :: DIA SOMBRIO

FAUSTO

Espírito traidor, escondeste esta ruína! Margarida trancada no cárcere como
criminosa, sofrendo torturas, agonizando! É desesperador! É terrível...

MEFISTO

Exageras na descrição, ela não é a primeira nem será a última.

FAUSTO

Cão!!! E quantas precisam nas profundezas da dor ter caído, na agonia da morte padecer, para que sejam todas resgatadas diante dos olhos do eterno??? Me revira a medula e a vida tamanho sofrimento enquanto te divertes!!! Eu vou! E tens que salvá-la!!!!

MEFISTO

Maior dos sedutores, estás chegando ao fim da tua anedota, naquele ponto em que os senhores costumam perder a cabeça. Por que te associas a nós se não tens expediente pra negociar?

Queres voar e tens vertigem. Fomos nós os oferecidos ou foste tu? Salvá-la!!!!

Quem foi que a perdeu??? E será um perigo se expor à sanha dos espíritos vingadores.

Eles espreitam a casa da amaldiçoada família, os corredores da prisão...

FAUSTO

Não importa, eu vou!!!

MEFISTO

Se é assim, o que eu posso fazer é entorpecer os sentidos do carcereiro...

Te espero na porta, em vigília, pronto para cavalgarmos em fuga!!!

XIII :: CÁRCERE

CANÇÃO DO CÁRCERE

MARGARIDA

(Acorrentada, em delírio, canta.)

Minha mãe uma puta

Foi quem me matou

Meu pai um safado

Foi quem me esganou!

Minha irmã pequenina

Guardou o que resta

Num lugar bem frio, no meio da floresta!

Belo passarinho, passarinho voa,

Voa passarinho, passarinho voa!

FAUSTO

(Entrando.) Guida...

MARGARIDA

Ai, quem vem? És tu, morte amarga???

FAUSTO

Sshhh! Venho te buscar, criança! Vim pra te libertar...

MARGARIDA

Tem dó de mim... me deixa viver, tu que nem sei quem és!...

Eu sou tão jovem, já fui tão bela... e agora olha o que sobrou daquela donzela... as flores ornando a frente dela... Tem dó, me deixa viver... O que foi que eu fiz?

FAUSTO

Delira!... Eu nada posso fazer...

MARGARIDA

Shhh!!! Viu a criança?

Agorinha mesmo eu amamentava o pequeno aqui, neste lugar... arrancaram-no do meu peito... dizem que matei o passarinho e ficam por aí maldizendo de mim...

Mas é a história que é assim... falam muita coisa.... mas não é de mim!... Não é de mim!!...

FAUSTO

Guida!

MARGARIDA

Onde está ele? Ouvi a sua voz, onde ele está?

Mesmo com todo meu choro e o ranger dos meus dentes eu o reconheço, ele me chama: Guida... Veio enfim zelar por mim? Onde? Seus braços... onde???

FAUSTO

Levanta amor, teu assassino será teu libertador!
Vem comigo, escapar desse terrível destino!

MARGARIDA

Me beija! Não sabes mais? Antes todo o céu sobre mim vertias com um simples abraço... e teus beijos me sufocavam na volúpia do teu desejo... agora mortos, frios, teus lábios não me reconhecem... quem és??... Quem, se não aquele???

FAUSTO

Sou eu, vem comigo!

MARGARIDA

Tu?!? Rompendo as minhas correntes?
Ao menos sabes quem libertas?
Matei minha mãe, afoguei o meu, o nosso filho mal parido...
E agora sonho que me libertas, tu, que me aprisionaste???

FAUSTO

Estás acabando comigo!

MARGARIDA

Não, não!... Deves sobreviver a tudo!...
Cuidarás das valas, enterrarás um a um, em triste fila... algoz de todos: a mãe, o irmão, eu!!... o bebê ainda nos peitos...
um último punhado de terra e põe tua mão por cima de tudo!

FAUSTO

Não me ouves? Vem! Sou eu, vim pra te libertar!

MARGARIDA

Lá pra fora?!? Nem se me dessem o mundo... Ah, se eu pudesse eu passear contigo por toda parte como antes...

FAUSTO

Vem! A porta está aberta!

MARGARIDA

Ouves? Ouves o barulho do povo arrastando os pés? Vem todos chegando, para assistir a minha morte!...

MEFISTO

(Aparecendo.) Depressa, vocês dois!! Já está amanhecendo! Depressa, ou ficarão pra trás.

MARGARIDA

É ele! Manda-o embora daqui! Ele me quer!
Recaia sobre mim o juízo de Deus!... Manda-o embora!

FAUSTO

Eu não vou te deixar! Sai daqui, demônio!!

MARGARIDA

(Grita e reza em desespero.) Ó anjos, salvai minha alma! Não te reconheço!... Tenho medo de ti...

MEFISTO

Vamos embora, Fausto! Está feito... Não se pode mais fazer mais nada!! Ela está perdida. Está condenada!

(Fausto, transtornado, titubeia. Acaba fugindo com Mefisto.)

MARGARIDA

(Sozinha, cantarola uma oração, em delírio.)

Deus me dê a boa noite

Filha da Virgem Maria

Olha lá que Deus não dorme

Como eu irei dormir

(Para de cantar, olha fixamente o público e sai.)

XIV :: VÍDEO FINAL – FAUSTO NA CIDADE

(Fausto caminha pela cidade, em meio ao trânsito caótico de São Paulo. Olha os edifícios e carros. Parece procurar algum sentido, ou alguma coisa ou alguém. Encontra de repente um papel amarrotado no chão, desdobra-o e nele se lê: “Ela está salva.” Fausto continua caminhando e para diante de um arranha-céu envidraçado. No espelho do prédio vê-se a imagem de um avião passando no céu. Surge então um letreiro nos vidros:

“EM BREVE EM UMA REGIÃO AMENA DA CIDADE GRANDE EMPREENDIMENTO: FAUSTO II.”)

* * *

REALIZAÇÃO



**CIDADE DE
SÃO PAULO**

CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

Este projeto foi contemplado pela 42ª Edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa